

O MUNDO VAI MAL E A EUROPA PIOR

por Mário Soares

Para qualquer lado que nos voltemos o Mundo vai mal. A ONU, que nos orientou na segunda metade do século XX, tem hoje uma participação menor. Não intervém em defesa dos Direitos Humanos – o caso da Síria é exemplar – e quase ninguém fala de ecologia. Poucos Estados se dão ao trabalho de pensar no Universo, apesar dos desastres que ocorrem, serem cada vez mais graves e preocupantes. As grandes potências só se ocupam dos seus interesses imediatos e, cada vez, querem menos saber do aquecimento da Terra ou das preocupantes mudanças do clima e dos desastres ditos naturais que ocorrem por toda a parte. Recentemente tocou mais uma vez a China.

A ONU, ao que parece, desinteressou-se da ecologia. Os poucos grupos ecológicos que ainda existem, têm pouco apoio dos jornais internacionais, das televisões e das rádios. Parece ser uma temática que deixou de interessar aos atuais dirigentes políticos e que nada lhes interessa o que terão de sofrer os seus filhos e netos. Só o dinheiro – e não as pessoas – preocupa os dirigentes políticos na Europa, na América (dos republicanos) e nos outros Continentes, com as honrosas exceções de duas figuras únicas, extraordinárias: Barack Obama e o Papa Francisco, que deixou a inquisição e adotou, ao que parece, o franciscanismo. Olha para os pobres com respeito, quer ajudá-los, visita-os e fala com os católicos mas também com os agnósticos, com os ateus e com os membros de outras religiões.

Mas se o Mundo vai mal é seguro que a União Europeia vai pior. Porquê? Porque as duas famílias políticas que construíram a CEE e depois a União Europeia – os socialistas, trabalhistas ou social-democratas e, por outro lado, os democratas-cristãos, partidários ambos de Estados Sociais e da Solidariedade e Igualdade entre os Estados da União - foram substituídos por partidos cuja ideologia política é o neo-liberalismo e, por isso, são ultra-conservadores, só pensam no dinheiro – e na sua importância - e ignoram as pessoas. Daí o empobrecimento dos Estados Europeus, o crescimento em muitos deles do desemprego, da emigração, do suicídio e da criminalidade.

Na União Europeia estamos a viver o que se chama uma nova ordem internacional, criada pelo neo-liberalismo e pela globalização sem valores – dada a incapacidade dos dirigentes atuais, que só pensam no dinheiro que ganham – estão a destruir os Estados Sociais e a pôr em causa a Democracia, tal como a pensámos e vivemos antes da crise.

Tudo começou pela importância que a Chanceler Merkel tomou, luterana, vinda do totalitarismo comunista depois da queda do muro de Berlim e que a pouco e pouco se tornou a figura dominante da União. O primeiro País atingido foi a Grécia, berço da nossa civilização, graças à importância que os bancos alemães tinham naquele País. Depois foi a Irlanda, mais por razões financeiras que economicistas e sociais, depois foi Portugal, com um Governo, que dura quase há dois anos e é, em absoluto, subserviente a uma Troika, que ninguém sabe bem donde veio e é comandada pelos mercados usurários. A seguir a Espanha que, até agora recusou uma Troika, mas cujo regime económico e político está a ficar paralisado. E a Itália, um dos Estados fundadores, apesar de ter um Presidente excepcional, que está a atingir o fim da carreira, o notável Presidente Giorgio Napolitano (mas foi eleito para novo mandato), alguns outros Estados, como a Holanda, e mesmo – quem tal diria? – a própria França.

A crise europeia não está só a ser uma nova forma de totalitarismo, mais ou menos fascista. Vai a caminho de destruir a Democracia Europeia e a pôr em causa a existência do Estado Social, da União e do euro. Se não muda de paradigma – como ensina Barack Obama - vai auto-destruir-se e liquidar o euro, como a nossa moeda única (e ainda forte). A crise não é só financeira. É também económica, política, social, ética e ambiental. E se não for atalhada rapidamente – como espero – dará origem a um novo conflito internacional. Haja bom senso e evite-se uma tragédia.

Lisboa, 24 de Abril de 2013